



GRANDES QUESTÕES DA HUMANIDADE

Professor: Clóvis de Barros Filho

Monitor: Guilherme Peres

Sala: Amarela

Aula 5 - Tempo e temporalidade - 20/4/2011

O tempo é um assunto estranho ao divino, que não é afetado por ele. Sua origem, anterior ao homem, é primeiramente explicada pela mitologia com o titã Cronos, que surgiu depois de castrar seu pai Urano e libertar seus irmãos do ventre da mãe Gaia. A filosofia herda essa mitologia e a higieniza de certa forma, tornando-a uma condição maior de ordenamento universal. Cronos, por medo de que seus filhos repetissem com ele o ato cometido contra seu pai, engolia-os assim que nasciam. No entanto, o último de seus filhos, Zeus, foi escondido por Gaia após seu nascimento. Alimentado com ambrosia, Zeus crescido declarou guerra contra os titãs, vencendo-a e dividindo o mundo entre seus correligionários.

Isso definiu uma temporalidade de harmonia dinâmica entre os seres, além de cíclica no que diz respeito a tudo que vive no universo. No entanto, nós humanos desestabilizamos essa ordem por deliberarmos sobre nossa existência. Essa oscilação é agravada pelas exigências sociais de que tenhamos ritmos diferentes ao longo de nossa vida, um natural e um funcional.

Santo Agostinho em seu livro *Confissões* afirma que o tempo é mais uma noção intuitiva do que conceitual. Para ele o presente é um nada que separa dois inexistentes (o passado e o futuro). Sua solução é transformar todos os tempos partindo de uma perspectiva do presente, tornando o passado memória e o futuro esperança e projeção.

Todavia existem dois tempos: o tempo do mundo, fluxo inexorável dos instantes, e o tempo da alma, a percepção subjetiva do mundo. A duração dos instantes nada mais é do que a percepção humanizada desse mundo que possui uma temporalidade própria, com proporções que nunca existirão em nós.

Quem avança na reflexão sobre o tempo é Blaise Pascal, que diz que o espírito oscila entre passado e futuro, esquecendo do presente. Esse movimento de distanciamento é explicado por Pascal como ato de defesa contra um mundo que nos agride, tornando-o um movimento natural face a um presente que não nos agrada.

Em *Devaneios de um Caminhante Solitário*, Jean-Jacques Rousseau propõe um rompimento com as redes de encadeamento cronológico utilitário através de um esgotamento da presencialidade vivida. A própria existência tem de ser capaz de patrocinar uma experiência plena. No entanto a sociedade será sempre hostil a esse tipo de experiência.

O próximo passo é em Nietzsche, mais especificamente no livro *Assim falou Zaratustra*, em que o profeta diz que temos de viver de tal maneira a desejar que cada instante vivido se eternize. Quando o presente basta, não haverá nem memórias, nem projetos. A eternidade para Nietzsche não é algo que existe para sempre, mas algo que não escapa. A vida, quando esgota em si seus interesses, é eterna.

Observação: Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do

conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.